

pleno deserto
(seleção de poemas)

Maiara Gouveia

Embebida

E o nítido arranjo
dos lábios, um a um,
e o despudor de vê-los
inocentes,
desnudos num
ir e vir medonho,
embebedada duma
realidade úmida
e carnuda, a coxa nua
roça pele contra pele, o quase
encontro e desencontro
de mim dentro daquela fresta
que ora sobra, ora se insinua
num abre e fecha; as pernas
embaraçadas sob a mesa,
a sombra trêmula
dos pés no chão, o torso
dele na camisa
entreaberta, a cabeleira
em caracol evoca
a noite estrelada
em Holanda brilhante
e turbulenta,
e o deleite ainda evola
feito de um gole de absinto.

(Pleno Deserto, 2009)

Migrar

Matrimônio de vogais: agora nada.
Fica a distância entre o corpo e a palavra.
Sequer a marca do sol ou da sarça.
Faróis azuis na memória, e mais nada.

Além do mar, o tempo não traga.

Gaivotas mergulham sem regressar ao quadro.
Nenhum nome persiste além do enigma: migrar sempre.
E esta noite é tudo o que temos.

Toda palavra é precária: flor, pauta de aves, rosa clara.
Nada persiste além da chaga.
Seus instantes de amor, suor e toque, a enseada.
A solidão não une. Tudo nos separa.

Além do mar.

Negro, meu espírito recorda exílio prolongado.
O golpe solar não muda esta noite, minha pele.
Todo nome é grave e transfigura.
Só posso oferecer esta noite, e mais nada.

A morte eclode em cada verso. Nudez necessária.
E só posso oferecer isto: o sonho primitivo
dos corpos sem busca. A mágoa.
Renuncio ao amor, pois sou precária.

Outros amantes espalham gemidos pela casa.
São todos comuns em seus homicídios e meias-verdades.
Uma vez foi dito: é para sempre. Ao meio-dia, uma vez e basta.
O espelho sempre nos mostra o que nos falta.

Mesmo esta paisagem sucumbe em seus vocábulos.
É belo naufragar entre os meus lábios.
Renuncio a ti, amor, pois sou precária.
Além do mar, um país sem nome me aguarda.

(Pleno Deserto, 2009)

Alba

azul extenso e dentro, um sol rosado,
branco anil o céu, depois o leito
ainda em ondas o lençol acetinado

mas ao romper da noite ele partiu com meus gemidos,
ele partiu antes da noite terminar de todo,
e o leito ainda em ondas e o lençol acetinado

no meu corpo ondas tristes, e a noite nem findava
e o sol abria uma fenda branca no firmamento
e no lençol era dia, e ardia o vento frio da manhã

e aquele branco extenso e dentro, um vazio azulado:
o amigo se foi antes da noite sair
e o corpo anda frio abandonado

azul da noite quente de verão, um frio danado e branco
de manhã, quando a noite partira, ele partira ainda antes
as ondas acetinavam o lençol do corpo abandonado

e o leito anda em ondas, meu corpo findava o gemido
quando a noite chegava ao fim, e o dia azulado
amolecia o lençol acetinado sob a luz da manhã

e o frio do dia, de repente, ardia sobre as ondas do lençol
um sol rosado, branco anil o céu, depois o leito
em ondas anda extenso e dentro, o frio da manhã.

(Pleno Deserto, 2009)

Fetiches

Olhos feito mãos dentro das coxas
as pupilas vibrantes entre as frestas
roçando o rendilhado branco
no meio túmido entre as pernas.

Ai, quanta deselegância
eu provocar tanto constrangimento!
mas depravada ainda sinto o grão prazer
daquele breve erguer das sobrancelhas.

(Pleno Deserto, 2009)

No Sumidouro

Ao redor do quarto
migra um cortejo de aves. Não vemos
pois estamos fechados.

Ao redor do quarto
um barco repousa em um mar sem ondas. Não vemos
pois estamos partindo.

Ao redor do quarto
baleias abertas e peixes mortos cobrem a angra. Não vemos
pois estamos sangrando.

Porque estamos sozinhos não vemos
suicidas engolfados nas brânquias tóxicas
dos cardumes. Não vemos

a morte solitária dos corais. Não vemos
a embarcação vazia permanecer
no silêncio das águas. Não vemos:

pois estamos no escuro.

(Pleno Deserto, 2009)

ANTICRISTO

às cerdas do embaraço
a chafurdar numa seqüência
de sustos – a matéria
do absurdo: o absurdo
na boca da raposa
que o resume – a natureza
talvez à espera
de um riso amarelo – a pele
 sôfrega
em branco e preto – melodia
e morte (num contraste) – lirismo
forjado em que a Queda
ameaça
em câmera lenta – a forma
de um incômodo pungente
que nos cerca – método
a dissecar o medo
e a violência: o menino
de pés retorcidos
a cair pela janela: a mácula
habita o Éden – assim
em três cabeças
(sobretudo)
gravidade numa dança
que antecede
a suspensão:
o lençol branco
na máquina – a criança
despejada no branco da neve
com este urso de pelúcia – o pesadelo

da água um brilho delinea
uma senha – a mulher
abriga o mal:
mistério – nascimento
de estranha
 devastação

assim sem remédio
afundar na fonte
árvore
rude e seca
sêmen
vermelho da presa
feto

no ânus da fêmea
nada acolhe – tudo expele
um verde escuro
e sem remédio – o caos
reina

a terra uma cópula
(eterna)
de vítimas
queimadas pela ausência
do bom senso:
o mal
numa fé em poder
consumir pela força
o corpo e o céu onde o corpo
sucumbe

zombaria é história
de homens a fé
num lugar sem dono
em que a fera dorme
onde tudo é farto
e uma graça redime
do ódio – aos iguais
irmana

o contrário
ao imperativo
é amor – enfraquece
e a culpa daninha
adorna o inferno: matar
pra comer: rapina
que consome
num segundo
outro rato

do ar emana
um sussurro tenebroso
de vozes
abafadas por razões
cheias de flama
pela precisão
de mutilar o que não cabe
numa ordem: assim
explica-se
a brutalidade – zombaria
uma história

de quem se levanta
inflamado
diante do absurdo: ímpeto
de mutilar
 o centro
 qualquer substância
 perfurar
 o outro
com o peso
da angústia

 ela grita: Nada
adianta
a sangrar sem os lábios
do sexo
arranca
todo o prazer
assim como o Éden
às bruxas enterradas
que proliferam mortes
sempre más
porque humanas

e o domínio da força
avança sobre ela: Nada
adianta – as razões
para o destino
 impedem
qualquer redenção – enforcada
pelo homem: assim
sem remédio
afunda na fonte
árvore
rude e seca
sêmen
vermelho da presa
no fogo

ele manca
a fruta doce
mata
o apetite
e a fêmea sem face
multiplica-se:
melodia e morte
em preto e branco
o contraste

entre a fartura
e a mendicância – um lirismo
forjado
(sobretudo)
pela precisão de mutilar
o que não cabe
em uma ordem

NADA além.

(Inédito, 2009)

Maiara Gouveia nasceu em 1983, em São Paulo. É poeta e estudiosa de literatura, com trabalho desenvolvido na Universidade de São Paulo sobre a obra de Cesário Verde. Em 2006, foi finalista do Prêmio Nascente – USP, com o livro de poemas *O Silêncio Encantado*. A obra inaugural sofreu alterações e hoje se chama *Pleno Deserto*, publicado em 2009 (Edições Rumi/Nephelibata). Mantém o blog A Certeza de Fazer o Mal (<http://maiaragouveia.blogspot.com>). Contato: maiaragouveia@gmail.com